





**Eduardo Mahon**  
Editor Geral

## EDITORIAL

“Alguma coisa acontece no meu coração”, começou Caetano Veloso uma das mais conhecidas canções de seu repertório. Cada um se emociona com um elemento diferente e não há receita de bolo para conquistar o coração humano. A Revista Literária Pixé oferece as mais diversas possibilidades de encontrarmos o amor ou, talvez, de exercitarmos o amar. Por quê? Porque precisamos. A nossa sobrevivência ficará menos penosa se praticarmos uma racionalidade afetiva, um modo de ver o mundo que não seja destituído de ciência, mas que transcenda o modelo cartesiano. No fundo, as ciências sociais já apontam para múltiplas eleições afetivas na própria pesquisa, sobretudo na seleção autoral e temática. A atração para o “objeto de estudo” é, antes de tudo, um querer bem.

Atravessamos um tempo no qual a pandemia parece ser o problema mais grave da contemporaneidade. Ledo engano. A doença mais letal que podemos supor não é a varíola, a hanseníase, a influenza, o novo coronavírus. Não culpemos um microscópico vivente irracional pelos nossos próprios equívocos. O que mata milhões de pessoas é a injustiça social, fruto do crônico egoísmo que obstrui nossas artérias. É o desamor que mata aos poucos, seja por simples inanição, seja por falta de todas as outras condições de vida. Não há saúde, não há educação, não há transporte, não há segurança, não há cultura. Ninguém calcula os nacos de vida que o desamor consome porque a indiferença é um vírus que mata lentamente.

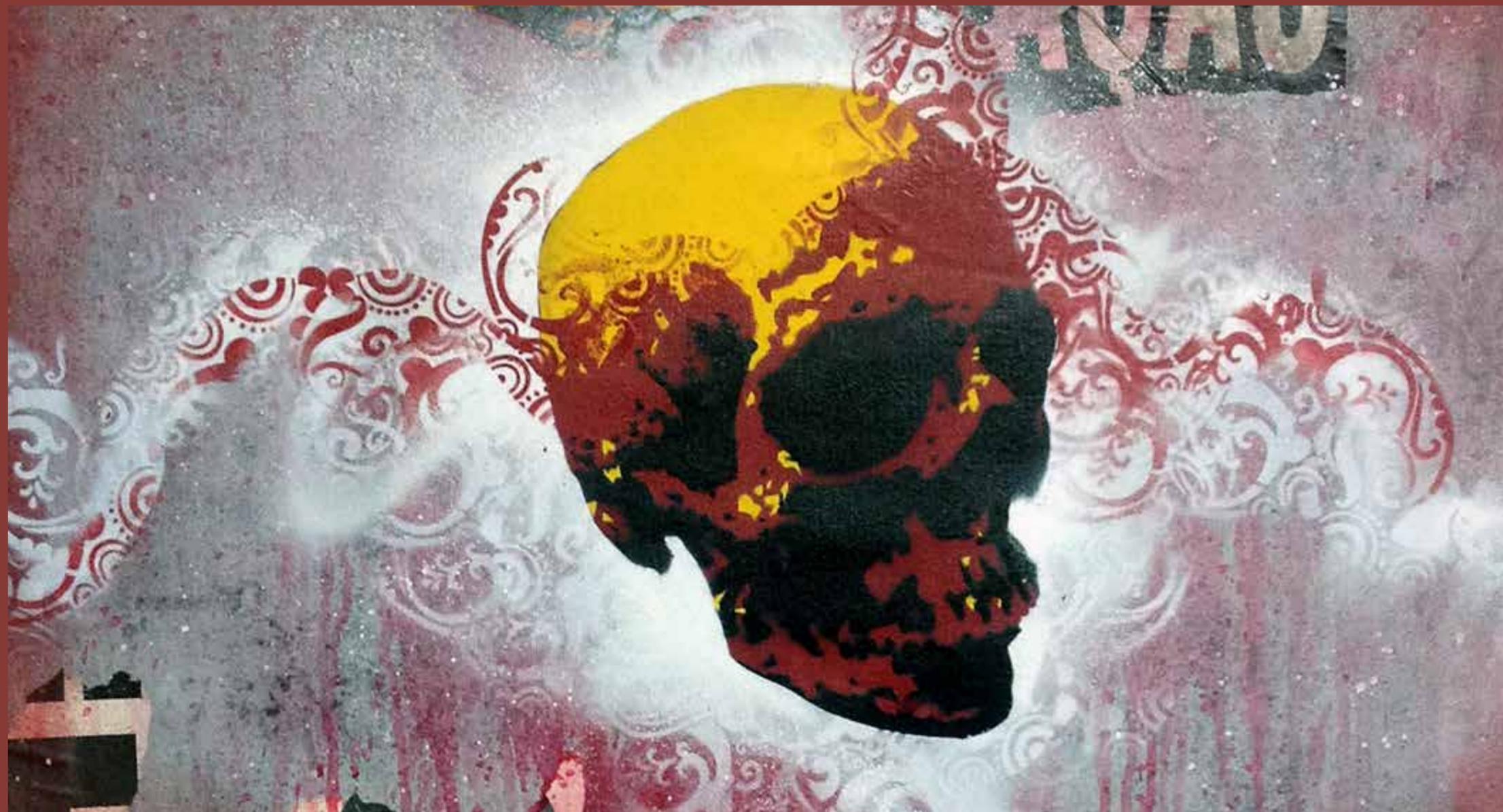
A vacina para a pandemia será descoberta pela ciência em pouco tempo. No mundo atual, temos tecnologia suficiente para mapear o código genético do minúsculo inimigo e encontrar seu flanco sem dificuldade. Vacina sim, cura ainda não. Não conseguimos nos curar do egoísmo. É congênito? Provavelmente sim. No Brasil, vivemos sem remédio para

o patrimonialismo, para o personalismo, para o populismo que nos faz pobres de espírito. Além do histórico abismo social que teima em ser omitido, justificado ou minorado, emergem das sombras velhos gritos de ordem cujo resultado sabemos inevitável. O autoritarismo contamina o mundo com mais velocidade do que qualquer outra infecção, necrosando os pulmões da democracia sempre asmática.

Inimigos fictícios são criados com claros objetivos políticos, entre os quais um dos primeiros alvos é a cultura. Vista como ameaça, a produção cultural sempre foi ameaçadora ao pathos irracional. A vacina está com a ciência e para além da ciência. Muitas pessoas, Jungidas ao isolamento, perceberam que a cultura é tão essencial quanto a comida. “A gente não quer só comida, a gente quer prazer pra aliviar a dor”, não é isso mesmo? De certa forma, todos nós vivemos famintos. Não se trata de uma retórica melodramática. É simplesmente a nossa realidade que constitui um pasto onde medram o autoritarismo, a intolerância e a violência.

Nós, da Revista Literária Pixé, queremos oferecer um tratamento. Na edição de junho, falaremos de amor. Sem dúvida alguma, “qualquer maneira de amor vale a pena, qualquer maneira de amor vale amar”. Teremos múltiplos amores e amares: de Shakespeare a Nelson Rodrigues, amores carnavais e espirituais, amores platônicos, românticos, sádicos ou cartesianos, amores transitivos e intransitivos. O amor é um assujeitamento, seja por admiração, por submissão, por projeção ou ainda por identidade. Elegemos quem e o que amamos, muito embora quase nunca consigamos controlar a forma de amar. Por isso mesmo que “amores serão sempre amáveis” – depende mais de quem ama do que do quem é amado. Amar é uma prática curativa, é um ethos ideal para o pathos atual. Portanto, literatura na veia!





## SUMÁRIO

2	Editorial
6	Aclyse Mattos
8	Caio Ribeiro
10	Caio B Pinto
12	Carlos Silva
14	Carvalho Junior
16	Clark Mangabeira
18	Diogo Costa Leal
20	Edson Flávio
22	Eduardo Mahon
24	Eliane Debus
26	Everton Barbosa
28	Helvio Moraes
32	Henrique de Medeiros
34	Iael Aguirre
36	João Bosquo
38	<b>Charles Oak</b>
40	Lorenzo Falcão
42	Lucas Lemos
44	Luiz Renato
46	Marcos Morasck
48	Marcos Pfeifer
50	Mardson Soares
52	Marília Beatriz de Figueiredo Leite
54	Marli Walker
56	Marta Cocco
58	Pablo Rezende
60	Raquel Naveira
62	Rosa Luizari
64	Santiago Vilela Marques
66	Stefanie Sande
68	Thiago Costa
70	Waldney Jorge de Lisboa
72	Anna Maria Ribeiro

## EXPEDIENTE

**Direção Geral e Edição:** Eduardo Mahon

**Colaboradores desta edição:** Aclyse Mattos, Caio Ribeiro, Caio B Pinto, Carlos Silva, Carvalho Junior, Clark, Mangabeira, Diogo Costa Leal, Edson Flávio, Eduardo Mahon, Eliane Debus, Everton Barbosa, Helvio Moraes, Henrique de Medeiros, Iael Aguirre, João Bosquo, Charles Oak, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Luiz Renato, Marcos Morasck, Marcos Pfeifer, Mardson

Soares, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Marli Walker, Marta Cocco, Pablo Rezende, Raquel Naveira, Rosa Luizari, Santiago Vilela Marques, Stefanie Sande, Thiago Costa, Waldney Jorge de Lisboa, Anna Maria Ribeiro.

**Projeto Gráfico/Diagramação:** Roseli Mendes Carnaíba

**Artista Visual Convidado:** Charles Oak



## INCERTIDUMBRE

Encontrei uma palavra mágica:  
*Incertidumbre.*

Comprei-a de uma cigana espanhola  
após uma noite de beijos.

Não quis saber nem seu significado  
nem seu preço.

Guardo-a num vaso entre a varanda  
e a Biblioteca.

E a contemplo sempre que sonho  
os caminhos do amor.

Às três da madrugada  
suas sílabas brilham  
e suas letras dançam  
como folhas de livros  
ao vento da curiosidade  
nesta noite de mistérios.



**Aclyse Mattos**

É escritor, poeta e professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Livros publicados: *Motosblim: a incrível enfermaria de bicicletas* (infantil – 2019) *O sexofonista* (contos - 2018), *Sabiapoca – Canção do Exílio sem Sair de Casa* (infantil – 2018), *Festa* (poesia – 2012), *Quem muito olha a lua fica louco* (poesia – 2000).

## AMOR

roube o amor  
das mãos daqueles  
entes  
meio necro  
meio gente  
que ostentam  
na boca  
tortos dentes  
e na língua  
um amor  
acidente.

leve o amor  
para o lugar  
do tempo  
dê a ele mais do que  
o momento  
mas o espaço-tempo

lembra do amor  
quando sentir amor  
e lembra do amor  
quando o amor  
parecer distante

lembra do amor  
quando olhar para a fera  
e verá nela  
você

lembra do amor quando  
sentir raiva  
e a raiva  
se tornará aceleração  
para produzir amor

lembra do amor  
quando sentir tristeza  
porque o amor  
é também uma lente  
e não há quem aguente  
ser olhado com amor

lembra do amor  
quando  
sentir amor  
porque até o amor  
pode  
precisar.



### Caio Augusto Ribeiro

É ator e diretor inscrito pelo DRT 0000651\MT. Começou os trabalhos como ator em 2009. Autor do livro "Porão da Alma" (clube de autores), Colecionador De Tempestades (Carlini&Caniato) e Manifesto da Manifesta (Carlini&Caniato), diretor do curta-metragem Réquiem Para Flores (2017). Fundador do coletivo de artes híbridas Coma A Fronteira. Atualmente desenvolve trabalhos levando poesias e processos criativos para as escolas e faculdades. Realiza oficinas voltadas para produção poética, arte urbana e teatro. Mas no fundo, prefere passar o dia no jardim olhando folhas e formigas.



### Caio B

É o pseudônimo de Carlos Benedito Pinto, professor de Língua Portuguesa e Inglesa no Ensino Médio e Fundamental. Graduado em Letras e Publicidade pela UFMT e Mestre em Estudos Culturais pela FCA-ECCO-UFMT, pesquisando a circulação do Siriri e do Cururu no contexto rural e urbano na Baixada Cuiabana. Atua como Servidor Público do Estado de Mato Grosso, exercendo as funções de professor, diretor escolar e coordenador pedagógico, desde 1998. Multi-instrumentista, atua, ainda que esporadicamente, na cena de música alternativa autoral da baixada cuiabana, compondo e apresentando com o nome artístico “Caio B.”. Nesse mesmo contexto teve outros projetos musicais como “exmachinna” e “malesdeanto”. Nascido e vivendo na cidade de Santo Antonio do Leverger, que chama carinhosamente de “Vila”, ama as manifestações culturais populares assim como a cultura urbana alternativa.

## CORAÇÃO MECÂNICO

A banda marciana passava exuberante com vistosos uniformes violetas que ornavam com o purpúreo pôr-do-sol assim como, suavemente, contrastavam com o tom azul-esverdeado da pele dos músicos.

Estava quase que contente. Esboçava, inclusive, um suave levantar dos cantos da boca que ameaçava virar um quase que sorriso, desses mais parecidos com um deboche cínico ou ameaçador. Descendo jornal com a intenção de ver a cena completa percebe, com sua visão periférica, um olhar curioso, questionador, por cima dos óculos escuros:

- Rindo de quê?
- Engraçado!
- Sei... Mas o quê?
- Ah, uma banda marciana participando de um desfile de bandas marciais tocando “A banda” do Chico Buarque!
- Coincidências, não?
- Redundante, talvez!

Acomodaram-se no banco para terminarem de assistir. Ele colocou o jornal dobrado do seu lado e ela não tirou os óculos. Ao falar olhava por cima dos mesmos segurando com uma das mãos uma das hastes dos óculos dando um, talvez equivocadamente, quê de superioridade. Uma mistura ambígua de charme e cafonice. A praça artificialmente bucólica, o ar artificialmente fresco e puro, a presença daquela moça-senhora, tudo era impecavelmente sentido através dos neurotransmissores e chips que o amparavam para perceber a realidade. Esqueciam-se talvez estarem numa daquelas redomas que se tornaram uns dos últimos refúgios depois da irresponsável hecatombe que os obrigava a usarem máscaras fora daqueles paraísos artificiais. Apesar do pouco espaço das cores difusas e diferentes da velha Terra de guerra. Apesar de tudo, era melhor que a aspereza da vida dos párias e revolucionários ressentidos.

A presença dela tornara-se descomunal, preenchendo todo o espaço, sufocando-o. Tenta aliviar:

- Eles aprenderam rápido demais. Não tem medo?
- Como? - Ela parecia estar em outro lugar.
- Os azuladinhos. Desde que entramos em contato, eles vêm se metendo a ser gente muito rapidamente! São muito inteligentes! Mas não são gente como a gente.
- Tem medo de pessoas inteligentes?
- Pessoas? Mas eles não... Não! Sim...Quer dizer... E se eles forem superiores a nós? Se quiserem dominar a gente? Sei lá... - Bobagem! Adoro gente inteligente!

O papo não ia. Sentiu-se menos inteligente ainda do que sempre se imaginou. Nunca se achara inteligente. Talvez negligente, mas inteligente... Era uma senhora-moça muito bela e de poucas próteses, talvez. Um silicone apenas, quem sabe... Imaginava.

Ele, de coração artificial novinho, via o mundo com um olho biônico, outro humano ampliado por lentes. Tirando os pinos, implantes, motores, amplificadores, exautores, drenos ...

Subitamente ela se vira para ele e começa, numa desenvoltura desconcertante, a contar-lhe as desventuras amorosas que vivera até ali. Que chegara aos sessenta naquele dia e se conservara com dietas, ginástica, meditação, musculação, terapias, yoga pra nada. Falava também dos desprazeres que tivera com os homens. Seres mesquinhos, na sua cafajestice, que não conseguiram aprender nada sobre como agradar uma mulher, que, mesmo com todo o avanço tecnológicos, a humanidade apenas destruía a si mesma. Contara tudo de supetão! Meio sem jeito ele questionou a possibilidade dela estar exagerando. Que tudo é questão de diálogo, de vivência. Que não existe esse negócio de certo e errado, bem e mal. Que somos complexos. Que não existe bem essa coisa da tampa certa da panela, outra metade da laranja, de alma gêmea. No fundo sem convicção, talvez pelo hábito machista, encarregado de agradar, de flertar, arriscar a sorte em algum affair. Apenas um subterfugio para simular algum tipo de polidez donjuanesca, talvez. Ela argumentou por mais meia hora e começaram a concordar com certas coisas da vida. Depois se calaram...

Anoitecera subitamente, num silencio desconcertante! Ela tira os óculos escuros e começa então a rememorar lembranças suaves de sua vida. Dos dias de alegres desocupações. Filmes, livros, discos amores que se foram pra sempre. Da vida antes da pandemia. De um mundo bom.

Começou a sentir uma coisa que não sentia há muito tempo. Como se seu peito se inflasse de esperança do viver. De perceber que em sua vida sofrida também havia reminiscências suspirantes. Que, apesar de sua conduta exageradamente neurótica e passional que o levou à vícios, doenças e acidentes imbecis, também havia momentos simples e felizes de deitar na grama e olhar o sol com alguém especial. Apenas ouvia. Sinapses errantes, neurotransmissores trabalhando desesperadamente, coração bombeando, mecanicamente, sem controle. Ela é fantástica! Exautores, drenos, nano robotes, hormônios, humores, neurotransmissores, reação em cadeia...

Começou a passar mal. O médico disse-lhe que deveria evitar qualquer situação de estresse que alterasse subitamente seu estado emocional durante o resguardo da operação até o coração habituar com seu ritmo. Deveria ficar em repouso, evitar emoções, evitar multidões. “Médico imbecil! Evitar emoções! Meu coração não é mecânico? Por que raios eu haveria de sentir emoções então?”

Sentiu os derradeiros rufares de tambores ruidosos, dissonantes talvez dalguma banda ou de seu mecânico coração.

Em minutos apareceu nave-ambulância solicitada pela senhora-mulher atônita, em volta com uma ex-vida. Acomodou o corpo no veículo e partiu. Deixando para trás uma velha senhora com um rosto de menina, chorando por dentro!





#### Carvalho Júnior

É o nome literário de Francisco de Assis Carvalho da Silva Junior, Caxias/MA, 1985. Professor, ativista cultural, gestor público e poeta brasileiro. Vencedor do Troféu Nauro Machado no I Festival Maranhense de Conto e Poesia (Universidade Estadual do Maranhão, 2015). Publicou os livros de poemas Mulheres de Carvalho (Café & Lápis, São Luís, 2011), A Rua do Sol e da Lua (Scortecci, São Paulo, 2013), Dança dos dísticos (Editora Patuá, São Paulo, 2014), No alto da ladeira de pedra (Editora Patuá, São Paulo, 2017) e O homem-tijubina & outras cipodadas entre as folhagens da malícia (Editora Patuá, São Paulo, 2019). Edita a página de poesia Quatetê.

## A OUTRA MARGEM

sou dessas sementes desacreditadas  
que o vento rouba das cercas da morte  
e lança na outra margem do rio  
pelo milagre do bico do pássaro.

os olhos do mundo

o mundo ainda está no escroto  
na ideia abaixo da ideia.

o mundo pensa em suicídio  
antes do seu aborto  
anunciado.

o mundo ainda não tem os olhos  
r.a.s.g.a.d.o.s  
pela cápsula do sombrio.

## ÁGUA DE ME INUNDAR

como se a língua da tijubina  
me beijasse cada ferida,  
o teu sopro nos meus cabelos de menino  
me azeita de febres e forças  
para a travessia interminável  
à margem que me azougueia.

mãe, minha índia,  
minha gamela de amor.

mãe, minha vida,  
olho d'água cercado,  
de onde tiro  
toda a água de beber,  
a água de me inundar.

## ARARUTA

somos feitos  
das mesmas fomes  
dos nossos pais,

das mesmas lenhas  
que os guardaram  
do frio súbito das noites  
caseadeiras de exílios.

de vez em quando,  
ouço de longe  
a voz da lágrima  
do meu pai  
e de minha mãe.

um quintal de ararutas  
nasce dentro  
do chão cansado  
dos meus olhos.

## OS CLARÕES DE DENTRO

do lado  
contrário  
às imagens  
que me  
desesperam,

uma menina  
cega  
joga sal  
nas feridas  
do mar.

## ROMA

**A**mou-a instantaneamente. Amor à primeira vista mesmo, daqueles de novelão das nove, mocinha e galã. Amor sem ressalvas, miúdo e gigante, ela brilhando, resplandecendo sede por nova saliva, preferencialmente a dele. Amor de Carnaval, Páscoa, Festa Junina e Natal. Duraria até depois do Ano Novo. Ela gostaria de Nescau, ele, de Toddy. Ela preferiria os Rolling Stones, ele, os Beatles. Ela amava Chico, ele, Rita. Ela falava biscoito, ele, bolacha. Ela, prata, ele, ouro. E se encontrariam juntos, no meio, na várzea entre os polos, no caminho intermediário entre o passado e o futuro, fazendo do presente o único momento em que escutariam, no deslizar das noites, suas preces para que não acabasse nunca. Nunca. Aquele amor que poetas não ousavam escrever, mas que fingiam compreender com a seriedade dos doutores. Amor de Dia dos Namorados, um, metáfora, o outro, metonímia, ambos do mesmo texto a quatro mãos que segue, duas canetas escrevendo o futuro. Ah, e como seria bonito! Fins de semana largados na cama, colchas testemunhas do amor transpirado, gozado a base de cuspes e risos – altos, para que os vizinhos ouvissem. Casamento cafona, filhos, netos e todo o clichê de sempre. Paixão e amor entrelaçados pelo fio da meada da história que começava ali, naquele olhar, primeiro indiferente, depois crente, ajoelhado diante da magnitude de tudo que se iniciava e... pronto!

Não sem susto, a mãe batera à porta e o celular do menino deu um pulo. Ele passou o perfil dela sem querer para o lado errado do aplicativo, despercebido, cabeça nas nuvens. Besteiras de mãe e filho, algo sobre o jantar e fim. Porta fechada. E a moça, a do amor infinito, a dos domingos no sítio da família, a que viajaria com ele do Oiapoque ao Chuí, foi-se embora para sempre, até outro golpe de sorte, quem sabe?

Só restava ao menino a ansiedade do talvez, do torcer, do desejo de amanhã.

E imaginar.



**Clark Mangabeira**

Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.



a medula do momento sem derreter no espasmo  
 entrincheirar-me no poema contra as ordens  
 pássaros acontecidos no barulho dos gritos  
 as mãos escrevendo como ponteiros caídos  
 contra o meu poder  
 contra a minha ideia  
 contra a minha cabeça  
 a favor do grande ringue  
 onde o prazer encosta deus às cordas

há um desfile de elegias no carnaval da maturidade  
 há este espaço alucinado entre esquecimento e invenção  
 há ziguezagues furibundos no trânsito das coisas que me desconheço

e a medula do momento sem derreter no espasmo  
 um banho no sangue só por destrançar cabelos  
 amores que rodam e sobem como hélices tresloucadas

de que me importam os números se há verde do outro lado da janela?  
 de que me importa a vida feita sim a vida feita  
 se não há bolsos nas árvores?  
 de que me importa a morte se não para malabarismo da própria sombra?

e há nuvens cantando quando os gatos te lambem os dedos das mãos  
 e há gargalhadas colheradas alvoradas  
 há um arco-íris para escorrega das lágrimas entre as têmeoras destes versos

e a medula do momento sem derreter no espasmo  
 um grande momento de delicadeza  
 uma grande febre um grande humor  
 um grande gesto um grande amor

acontecer nos pequenos minutos  
 a grande identidade  
 a céu aberto



**Diogo Costa Leal**

Nasceu no Porto (Portugal) e vive em Almada. Publicou dois livros de poesia. Adora unir a escrita à palavra dita. Publicou poemas em algumas revistas portuguesas e brasileiras. Difundiu poesia na rádio durante três anos. É co-autor (desde 2012) do projeto PoemóCopo, aliando spoken word com performance e música.

## AUDIÊNCIA DE CUSTÓDIA

Erramos desde o início.  
Se eu não tinha espaço em sua vida, por que me deixou entrar?

É horrível permanecer num lugar onde não se sabe  
se é preciso tirar os sapatos e a que horas podemos sentar-nos.

Estou farto de ficar de prontidão, de alerta,  
como se a qualquer momento eu tivesse que fugir.

Não tenho mais nada para renunciar.  
Desisti de ser eu quando aceitei ser o que nunca fui.

Roubo-me de mim mesmo e dou alforria àquele ser que sempre fui  
e sempre foi feliz sem você.



**Edson Flávio**

Edson Flávio é cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT) e pesquisador na área de Literatura. É autor de Aldrava (2020) e escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.





## AMOR DE PUTA

Amor de puta  
Amar a varejo  
Amar o relógio  
Amar o momento

Amor de puta  
Amar o útil  
Amar a esmo  
Amar a juro

Amor de puta  
Amar o avesso  
Amar o espelho  
Amar a verdade



### Eduardo Mahon

43, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

## LEMBRANÇAS DE MOÇAMBIQUE

No Jardim Dunduro  
Frutos alados  
Se agarram  
as asas do fim da tarde  
voam morcegos!

## OLHANDO OS VALES

Olhando os vales,  
verdes longínquos,  
tenho um sentimento de gulodice,  
numa mistura excêntrica:  
sorvete de abacate e anis  
Minha alma engorda de petiscos.



**Eliane Debus**

É graduada em Letras (1991), mestre em Literatura (1996), doutora em Lingüística e Letras Bolsa Recém-Doutor (PPGE/UFSC 2001-2004) e Pós-doutora na Universidade do Minho (2018). Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando no Departamento de Metodologia de Ensino, no Programa de Pós-Graduação em Educação e no programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. É líder do Grupo de Pesquisas "LITERALISE: Grupo de pesquisa em literatura Infantil e juvenil e práticas de mediação literária". Membro integrante do Grupo de Pesquisa "Produções Culturais para crianças", coordenado pelo Professor Doutor Fernando Azevedo, do Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho (Braga/Portugal); Membro da Red de Investigaciones Afrolatinoamericanas - RIALA e Membro da Rede de Pesquisadores sobre Leitura Literária e Arte Narrativa - Rede de Pesquisadores LLAN, coordenado pela professora Ilsa Vieira do Carmo Goulart (Universidade Federal de Lavras). Editora da Revista Perspectiva/UFSC (Qualis A2). Tutora do programa de Educação Tutorial da Pedagogia/UFSC.





**Everton Almeida Barbosa**

É filho de nordestinos vindos da região rural da cidade de Pombal, no sertão da Paraíba, para Cuiabá na década de 70. Vive em Tangará da Serra/MT. Nasceu em Cuiabá e se especializou em Literatura, desde a graduação e mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso, até o doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, sendo professor de Literatura na Universidade do Estado de Mato Grosso desde 2006. É também músico. Foi instrumentista e diretor musical da Cia. de Teatro Mosaico (Cuiabá) e membro do grupo vocal Candimba (Cuiabá). Hoje coordena o projeto Corpo & Cordas, de música, poesia e contação de histórias, na UNEMAT em Tangará da Serra.

## GRITO

Meu grito é diferente  
Do que faz saltar as veias  
De um cantor sertanejo

Meu riso é diferente  
Da gargalhada sem fôlego  
Do humorista no sábado

Minha prece é diferente  
Da oração espontânea  
Do sacerdote na tela

E ainda que eu falasse a língua dos homens  
Desses que andam por aí gritando  
E rindo demais e se supliciando  
E ainda que eu falasse a língua dos anjos  
Pra que ninguém entendesse  
O trato que tenho com os deuses  
Sem amor o que eu seria?

Nada aprendo  
pelo grito  
ironia  
ou chibata  
que não seja  
o grito  
ironia  
ou chibata

desesperos de um tempo triste  
sem voz que não se defina por seu volume  
sem ideia que não se defina por seu contrário  
sem paz que não se defina por violência

desesperos de quem sente  
o medo ou prazer  
de perder-se  
a falta do amanhã  
sem o amor de hoje

que o amor é presente  
sussurro que acalma  
verdade que alivia  
afago que perdoa

Meu grito  
Meu riso  
Meu rito  
Não ferem

O amor  
é pra hoje  
amanhã  
e depois  
se existirem.



#### Helvio Moraes

Possui Mestrado (2005) e Doutorado (2010) em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Realizou estágio de doutorado na Università di Bologna. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, credenciado (docente permanente) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL, com sede em Tangará da Serra. De fevereiro de 2015 a fevereiro de 2016, foi visiting professor junto ao Dipartimento di Scienze Politiche e Sociali da Università degli Studi di Firenze, Itália. Publicou o livro *A Cidade Feliz* (Ed. da Unicamp, 2011), que compreende o estudo e a tradução comentada da utopia de Francesco Patrizi da Cherso. Na carreira artística, lançou recentemente o álbum musical "Profano Absoluto".

## SOBRE O AMOR EM SHAKESPEARE

Para muitos leitores de Shakespeare, o soneto CXVI, possivelmente o mais conhecido de toda a série, traz a completa definição do que seria, para o Bardo, o amor:

De almas sinceras a união sincera  
 Nada há que impeça: amor não é amor  
 Se quando encontra obstáculos se altera,  
 Ou se vacila ao mínimo temor.  
 Amor é um marco eterno, dominante,  
 Que encara a tempestade com bravura;  
 É astro que norteia a vela errante,  
 Cujo valor se ignora, lá na altura.  
 Amor não teme o tempo, muito embora  
 Seu alfange não poupe a mocidade;  
 Amor não se transforma de hora em hora,  
 Antes se afirma para a eternidade.  
 Se isso é falso, e que é falso alguém provou,  
 Eu não sou poeta, e ninguém nunca amou.

(Tradução de Anna Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça)

Dentre as inúmeras páginas já publicadas sobre este soneto, gostaria de destacar duas perspectivas de leitura divergentes. A primeira, talvez a mais difundida e aceita, vê na abordagem que o poeta faz do amor uma forma idealizada. Para além do contingente e efêmero – matéria bruta de suas peças, mas também latente em sua lírica –, Shakespeare teria buscado definir o amor no transcendente, o que o aproximaria do Platão de *O Banquete*, ou de Baldassare Castiglione, no Livro IV de *O Cortesão*, em que o italiano apresenta justamente uma leitura neoplatônica da noção de amor, de notável fortuna no Renascimento. A imagem do amor como farol eterno ou astro que norteia o vagar errático dos amantes, que vence obstáculos sem hesitação ou mudança e que, vencendo o tempo, “se afirma para a eternidade”, tenderia mais a uma ideia supra-histórica, acima de um sentido particular ou individual.

A segunda perspectiva vincula-se a uma leitura circunstancial dos sonetos. Ao invés de serem lidos (tão somente) como peças autônomas e suficientes dentro do conjunto de 154 sonetos, os poemas são interpretados dentro do subconjunto a que pertence (o de incentivo ao casamento e à geração de filhos, o do poeta rival, da *Dark Lady*, etc.) e conforme a posição que ocupam na sequência estabelecida já nas primeiras edições, que se inicia com uma visão confiante e positiva do(a) amado(a) e da natureza e culmina num sentimento de angústia, de ceticismo e de cisão entre os amantes e entre o sujeito lírico e o mundo que o circunda – como se houvesse, de fato, um enredo que se apresenta de forma lírica. O soneto CXVI situa-se entre os últimos dedicados ao Belo Jovem (possivelmente o conde de Southampton), que formam um subconjunto (os *rebuke sonnets*, ou sonetos de repreensão), marcado pela crise que culmina no triângulo amoroso vivido pelo poeta, pelo Belo Jovem e pela Dama Morena (a quem são dedicados os sonetos CXXVII em diante). Assim, contrariamente a uma forma idealizada de se conceber o amor, o poema em questão seria marcado pela indignação e pela dor do amante, ao perceber que o amado se esquivava ou evade-se. Seria, na verdade, uma resposta a algo que o amado tivesse apenas expressado ou feito, e que se mantém fora da moldura do poema, o que não nos impede imaginar do que se trata, pois o amante percebe, com desolação, uma mudança (*alteration*), um distanciamento e a possível ausência do amado (no original, *or bends with the remover to remove*). O que segue, portanto, ao contrário de uma ode, seria uma angustiante tentativa, que se quer persuasiva, de perpetuar o amor. Ela transborda mundanidade e *pathos*.

Obviamente, o soneto, *per se*, pode ser lido em uma ou outra chave interpretativa, mas parece-me que a segunda faz mais justiça ao espírito shakespeariano. Muito raramente – se é que o faz – Shakespeare busca estabelecer uma ideia ou noção fixa, definitiva, independente de uma circunstância dada, política, histórica, individual. Sua visão de mundo parece ser mais tributária de Lucrécio e Ovídio que de Platão. Portanto, o amor em Shakespeare tem um aspecto mais sensual e metamórfico que filosófico; é, antes, sentimento e experiência do que conceito. O poeta o perscruta em suas inumeráveis gradações, em suas diversas manifestações, em todos os seus estágios, em suas complexas relações com outras paixões humanas, como o ciúme, a ambição, a soberba, etc. Basta pensarmos no enorme e variegado rol de personagens que criou em sua obra teatral, figuras tão peculiares, tão idiossincráticas. Eros mostra faces distintas em *Romeu e Julieta*, em *Macbeth* ou em *Muito Barulho por Nada*. O amor filial de Hamlet (é possível acreditar que haja?) difere grandemente do de Cordélia, do de Miranda. A *philia* (e eros) entre Antônio e Bassânio difere da amizade de Hamlet e Horácio, da de Romeu e Mercúcio. E assim poderíamos elencar várias personagens em suas mais diversas relações de amor, não raro intimamente ligadas ao ódio, como o sentimento que Iago nutre por Othelo. É óbvio que o teatro é o espaço por excelência onde explorar tamanha diversidade de matizes do amor. Não deve ter sido fortuito, portanto, o gradual afastamento de Shakespeare da linguagem lírica e o também gradual aprimoramento de sua linguagem dramática justamente no momento em que escreve *Romeu e Julieta*, seu primeiro grande êxito como dramaturgo, e as peças subsequentes. Agnes Heller observa que o bardo mostra-se sempre mais inclinado à singularidade de determinada ação, no choque de personalidades, na complexidade de um ser excepcional, do que às regularidades na história política, ao que eu acrescentaria: à consistência e constância de um conceito filosófico. Em um dos melhores textos que conheço sobre os sonetos shakespearianos, o professor Carlos Antônio Leite Brandão afirma que Shakespeare trata o amor “de forma pessoal e sensual, paixão avessa a racionalizações e que domina o amante por inteiro, submetendo-o às vagas do mar amoroso. Ele fala em termos de memória, imaginação e sentimento e não em termos filosóficos ou ideais. Não diz o que é o amor, mas o que ele significa para o amante e nele provoca. [...] A abordagem anímica e sensual do Bardo é mais “desavergonhada”, não separa alma e corpo, nem sentimentos da razão. Nele, o amor é abordado aquém da ideia, no mundo pré-reflexivo das paixões, e seus sabor e fel se perderiam se a razão lógica conseguisse compreendê-lo”.

Portanto, esse amálgama de elementos que, diversamente, a filosofia ou até mesmo a poesia de um autor monumental como Dante buscam separar, definir, classificar, ajuda-nos a entender não somente o conteúdo dos sonetos, mas também

<sup>1</sup> BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. “Dissonâncias, magia e simpatia cósmica” in NOVAES, Aduauto. *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005, p. 117-8.

a dramaturgia shakespeariana. Sendo assim – e ciente do espaço de que disponho para fazer essas breves considerações –, elejo *Romeu e Julieta* para concluir meu texto. Primeiramente, porque, nessa peça, tal mistura se estende à sua própria estrutura e ao belíssimo diálogo que o poeta estabelece com a já consolidada tradição sonetística legada por Petrarca (para dizermos o mínimo sobre a relação de Shakespeare com a tradição literária). Em segundo lugar, buscando dar mais coesão num texto sobre tema tão amplo, porque considero *Romeu e Julieta* a transposição dramática de tudo o que se apresenta no soneto CXVI; como muitos já apontaram, *Romeu e Julieta* é também impregnada pelo lirismo dos sonetos, que Shakespeare ainda praticava.

O oxímoro talvez seja a figura de linguagem mais empregada ao longo da peça, e talvez não seja excessivo dizer que sua espinha dorsal se sustenta sobre o contraste entre ódio e amor, ou, para dizer com Romeu, “amor odiento, ódio amoroso”. Outros tantos contrastes vão surgindo a partir desse ponto fulcral, como dia *versus* noite, juventude *versus* maturidade, fugacidade *versus* perenidade, etc., numa construção extremamente simétrica que parte de opostos (que, não nos esqueçamos, se mesclam, justamente como acontece num oxímoro).

Na primeira cena em que surge na peça, Romeu faz uso desmedido de oxímoros, que, numa amplitude semântica formidável, refere-se à situação política de Verona (a rixa entre as facções), à sua confusa condição amorosa (ainda não conheceu Julieta) e até mesmo à saturação estética da produção de sonetos em moldes petrarquianos. Parece ter passado o amanhecer fora dos muros de Verona, lamentando um amor não correspondido e fazendo exercícios poéticos. Ao adentrar a cidade e perceber que houve tumulto (“Houve briga aqui? Não me conte, essa história eu já conheço”<sup>2</sup>), diz ao primo, Benvólio, que o interpela, aquilo que parece sentir:

Ó qualquer coisa que nasceu do nada!  
Ó densa leveza, séria vaidade,  
Caos deformado de bela aparência!  
Pluma de chumbo, fumaça brilhante,  
Fogo frio, saúde doentia,  
Sono desperto que nega o que é!  
Esse amor sem amor é o que eu sinto.

Como podemos perceber, Romeu é, ainda, um mau poeta. Seus versos são absolutamente convencionais e carentes de sentido. Mas os profere como faria qualquer jovem na Inglaterra elisabetana de fins de século, quando o soneto era moda. O último verso é carregado de ironia, pois Romeu acredita estar realmente apaixonado por Rosalina; mas logo verá que “esse amor sem amor” é o que, de fato, sente.

O encontro com Julieta marca, de modo repentino, o fim da adolescência pueril de ambos. Este encontro os eleva a uma percepção muito superior de si mesmos, das pessoas com quem convivem e de sua delicada situação. Como nas melhores novelas de Boccaccio, a força impetuosa de Eros desperta os amantes, movimenta suas disposições interiores e os estimula a agir. Recordemos, então, a mais célebre cena de amor da literatura ocidental, estruturada, não por acaso, em forma de soneto:

#### ROMEU

Se a minha mão profana esse sacrário,  
Pagarei docemente o meu pecado:  
Meu lábio, peregrino temerário,  
O expiará com um beijo delicado.

#### JULIETA

Bom peregrino, a mão que acusas tanto,  
Revela-me um respeito delicado;  
Juntas, a mão do fiel e a mão do santo  
Palma com palma se terão beijado.

<sup>2</sup> Utilizo a tradução de Barbara Heliodora.

#### ROMEU

Os santos não têm lábios, mãos, sentidos?

#### JULIETA

Ai, tem lábios apenas para a reza.

#### ROMEU

Fiquem os lábios, como as mãos, unidos,  
Rezem também, que a fé não os despreza.

#### JULIETA

Imóveis, eles ouvem os que choram.

#### ROMEU

Santa, que eu colha os que os meus ais imploram. (*Beijam-se*)

O gênio de Shakespeare brilha incontestemente nestes versos. O poeta dá novo vigor ao gênero do soneto, nessa espécie de exercício lúdico em que retoma e reelabora em sentidos completamente novos vários dos elementos caros da poesia medieval (e petrarquiana, obviamente), dos quais destaco pelo menos dois: a senhora-santa, modelo de todas as virtudes morais e religiosas, que, por sua excelência, está muito além do alcance, do contato do homem que por ela se apaixona; a imagem do romeiro em peregrinação ao altar de uma santa, para a purgação de seus pecados. Na cena em questão, o peregrino ousa o toque, com gestos e palavras carregadas de erotismo e ironia, no que é plena e igualmente correspondido pela santa, uma santa erótica. A resposta de Julieta estimula Romeu a prosseguir e, assim, o casal constrói esse belíssimo soneto que se conclui com o primeiro beijo. Minutos atrás, eram ainda dois adolescentes que muito prontamente seguiam as convenções sociais do grupo a que pertenciam. Agora, Eros torna-se o deus (o senhor do meu peito senta-se com calma em seu trono<sup>3</sup>) que orienta as ações do casal e o transporta para além e acima dos hábitos e conveniências de Verona. Na leitura de Northrop Frye, o Deus do Amor baixou em dois adolescentes talvez bastante comuns e os arrebatou para uma outra dimensão da realidade. Assim, a fala de Capuleto e o soneto de Romeu e Julieta, duas experiências verbais tão diferentes como se fossem de planetas distintos, passam-se na mesma sala e são interpretadas no mesmo palco<sup>4</sup>. Como duvidar do poder desse deus, ao ouvir de Julieta que, horas antes, dizia à mãe mais longe eu nunca hei de ir, que o vôo que a senhora consentir, as palavras que realmente a definem na peça, após ter sido tomada de amor?

Minha afeição é como um mar sem fim,  
Meu amor tão profundo: mais eu dou  
Mais tenho, pois ambos são infinitos.

Julieta agora percebe, talvez mais que seu amado, algo em si e no mundo que somente o amor lhe proporciona. É impossível que não viva, a partir de então, em outra dimensão da realidade (como quer Frye), que deslegitima uma tradição em vias de se exaurir, embora seu ato só lhe possa levar a um fim trágico. O casal está completamente só na experiência de uma nova forma de sentir o mundo. Nesse sentido, Julieta pode ser vista, conforme quer Harold Bloom, como a primeira personagem feminina moderna, ao incorporar o choque inconciliável entre os mundos medieval e moderno, ao firmar-se como dona de seu corpo, de seu desejo e de seu amor.

Muito mais que um deus de contemplação, o amor em Shakespeare é uma força (e)motiva e produz as mais diversas reações e sentimentos nos espíritos por ele tocados. É indomável e não aceita limites ou definições precisas. Não está além da experiência humana, ao contrário, dá-lhe matizes diversos, marca-a em todas as suas fases, define as sendas imprevisíveis de seu caminho. Trágico, cômico, romântico, lírico e, por vezes, até mesmo cético (de que tipo é o amor que Mercúcio proclama?), ele se funde a outros afetos e paixões da variada e enorme galeria de personagens do poeta, compondo com ela as histórias inesquecíveis que ele nos legou.

<sup>3</sup> Tradução do autor.

<sup>4</sup> FRYE, Northrop. Sobre Shakespeare. São Paulo: EdUSP, 1999, p. 34.

## PEDAÇOS DAS OUTRAS

capto  
captei

dos amores que vivi  
dessas pessoas com quem convivi

pedaços  
de alguéns  
que rapto  
raptei  
em momentos camaleônicos

trago  
trouxe  
e deixo em mim  
pensamentos gestos tiques  
rasgos de incomparabilidades  
inusitadas

e pendores de inclemência  
que formam em mim  
azulejos desses amores  
mulheres que deixei  
ou me deixaram  
e que nunca se irão de vez  
de dentro do meu eu  
para fora dos meus sonhos  
na distância sensorial

sou pedaços de tantos nomes  
jeito de tantas personalidades  
que filtrei e destilo em mim

que

me transformo sem nenhuma vergonha  
no que de bom encontro  
encontrei  
nos reflexos de outros eus  
mosaico dos amores que deixei

## AMOR BALDIO

olha o trem chegando  
na estação do subúrbio  
olha a flor crescendo  
num fundo baldio de quintal  
veja meu amor que é só companhia  
para que eu não morra

chore  
sofra sozinho  
não tenha que reclamar carinho  
o meu amor  
é um amor suburbano  
proletário  
um amor dos necessitados



### Henrique de Medeiros

É escritor, jornalista e publicitário. Natural de Corumbá-MS, estudou em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde se formou em Comunicação Social na Universidade Gama Filho, em 1976. Integrante da Academia Sul Mato-grossense de Letras, atualmente ocupa o cargo de Presidente.



**Iael Aguirre**

17, é estudante do Centro Educacional Anália Franco, em Cáceres. Oscilando entre o mais dócil mel e mais ferrenha tortura, como o resto da humanidade, o jovem poeta Iael Aguirre descobriu na veia poética uma excelente ferramenta terapêutica para dialogar com os próprios diabos, tal diálogo proveniente de leituras literárias e pesquisas escolares, sendo a mais recente, estudos acerca da marginalização do meio artístico em sua cidade natal, sendo esta Cáceres-MT. Menino de muitas leituras e escritas, desde muito cedo embrenhava-se pelo gosto dos livros, sendo muito observado e incentivado em seu âmbito escolar pelas suas professoras de Linguagens, sendo as mesmas com o olhar sensível e atento, deu a este menino incentivos para se aproveitar da poesia, como leituras e tessituras como uma forma de acalantar suas inquietações.

## VIVEMOS TODOS UMA FÁBULA IMORAL

Que imensa,  
e bela selva  
de vacas e cadelas  
cachorros e bois  
chá de mazelas  
todos de mãos dadas  
cruzando sem amar  
entre raízes e calçadas  
dessa cidade imunda  
tudo imundo!  
baderna animalesca!  
fede a um cio libertino  
tão renegado, e sigiloso  
que charme latino  
cheiro saboroso  
é uma festa  
liberal  
é uma suruba  
em dia de missa  
e por aqui, ninguém fala  
só late e atíça  
fica um  
cheirando  
o rabo  
do outro,  
sem escanteios  
sem rodeios  
sem moral:  
a história  
tá prenha  
e vai  
comer  
o próprio  
o filhote

## QUANTOS AMORES

Quantos milhões de amores  
há em você, em cada um dos seres  
que compõem o seu corpo?

Quantos milhões de amores  
há em mim, em cada um dos seres  
que compõem o meu corpo?

Quantos milhões de amores  
há numa pessoa, em cada um dos seres  
que compõem o corpo dela?

Quantos amores, em milhões de estrelas  
espalhadas pelo infinito cosmo,  
podemos sentir sem tocar com as mãos?

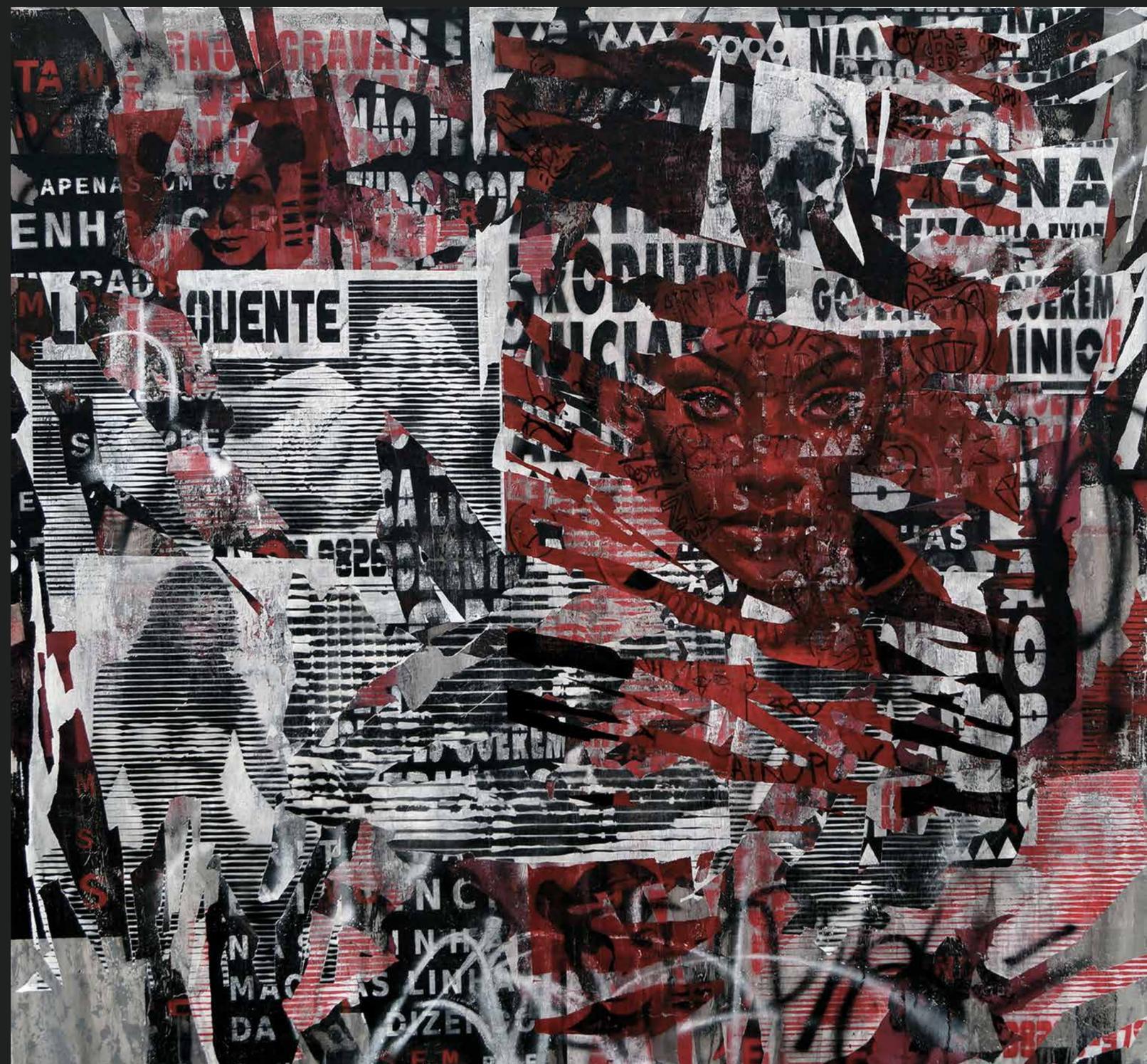
O amor é finito, mas a sucessão  
de amores não acaba  
assim como as estrelas

Enquanto uma estrela morre  
outras milhares explodem  
alegres para o amor à vida.



**João Bosquo**

poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT - publicou o livro Abaixo-Assinado (1977), em parceria com L. E. Fachin; Sinais Antigos (1981), Outros Poemas (1984), Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol (2006), Imitações de Soneto (2015) e Seleta Cuiabana (2019); participou das antologias Abertura (1976), Panorama da Atual Poesia Cuiabana (1986), A Nova Poesia de Mato Grosso (1986) e Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo NAMARRA (1984/86) e coordenou o projeto POETAS VIVOS (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.





**Charles Oak**  
Artista Convidado

## BIOGRAFIA

**M**eu nome é Charles Carvalho, mas assino OAK em meus trabalhos. Meu Instagram é @charles\_oak pelo qual todos podem entrar em contato. Atualmente vivo em São Paulo, mas nasci no Rio de Janeiro em 1977. Iniciei minha carreira aos 16 anos no mercado de comics (HQ para o mercado Americano) e nunca mais deixei de fazer arte!

A pintura começou a fazer parte da minha vida quando descobri que apreciar e pintar uma tela me levava a uma sensação de relaxamento e prazer. Hoje com mais de 18 anos de experiência, sou apaixonado por pintura e mais: se todos temos um propósito na vida, o meu é pintar.

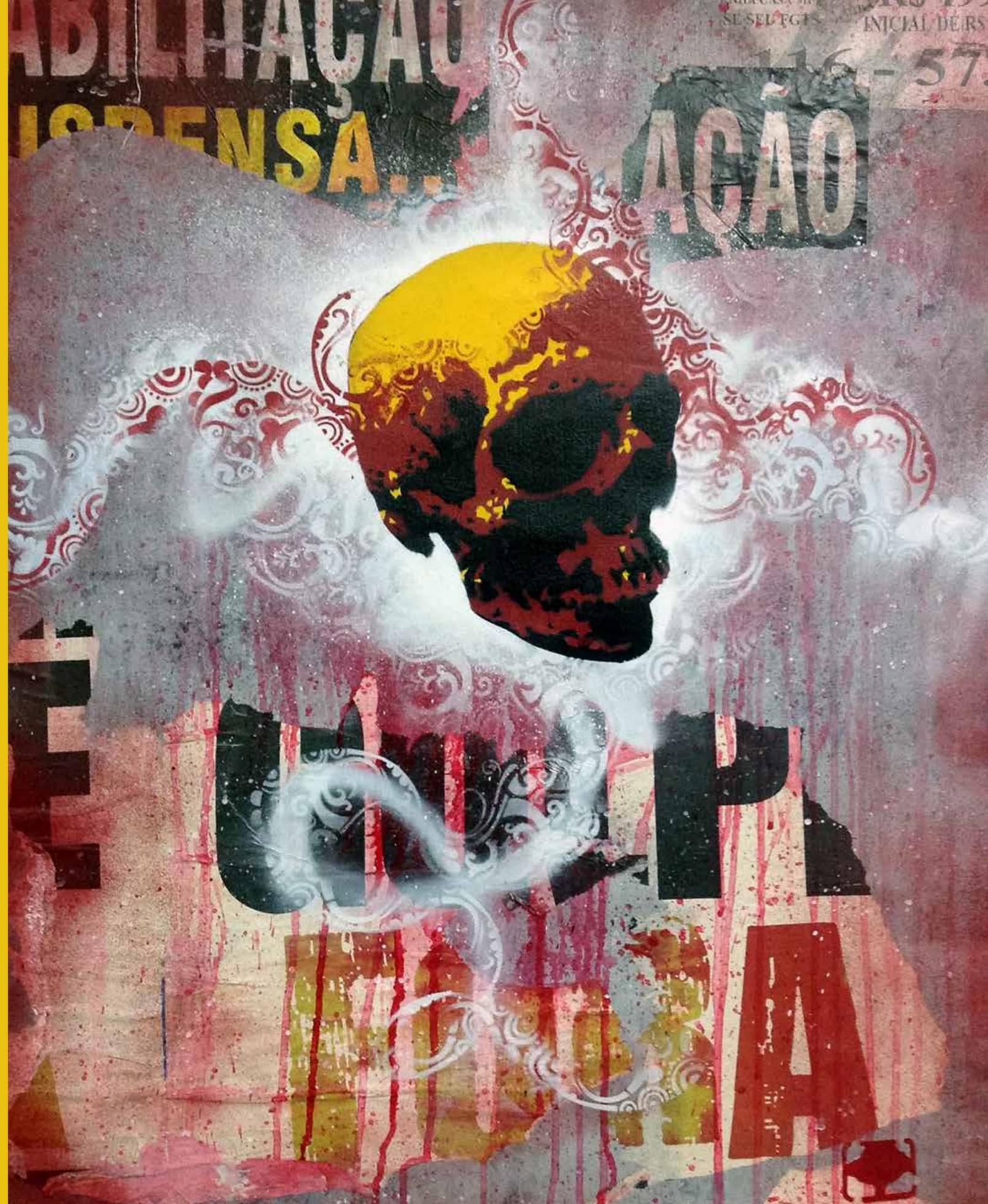
A urbanidade sempre funcionou como referência para as obras que faço, pois sou um observador e ao mesmo tempo parte integrante dessa relação entre pessoas e a vida urbana. A grande concentração de informações que a cidade possui e sua degradação acabam por hiperestimular os sentidos a ponto de acirrar em mim a vontade de criar uma série que possui o exagero visual como ponto focal de cada uma das telas.

Como espectador, me perguntei a todo momento como as pessoas que vivem em lugares caóticos, como São Paulo, por exemplo, conseguem se sobressair ou selecionar que tipo de informação querem ter acesso ou guardar na memória. Já como parte integrante dessa desordem, emergiu em mim obras mais caóticas, com excesso visual colocado em cada camada de informação que lembra muros, construções mais deterioradas, a paisagem urbana que tenho contato em meu cotidiano.

A série começa com obras contendo figuras femininas que se encontram invadidas pelo excesso de informações realizadas com técnicas de trompe l'oeil e que remetem à deterioração e aos excessos que as grandes cidades possuem em sua paisagem recriada por lambe-lambes rasgados, paredes detonadas, escritas, desenhos infantilizados e pichações, por vezes com paleta próxima à monocromia. Por fim, cada pessoa vira parte da informação e não mais apenas alguém que é invadido por ela.

### EXPOSIÇÕES:

- Atropelo - 2019 (individual)
- Brazilian Art 2 In Miami - 2017 (coletiva)
- Substantivo do Feminino - 2016 (coletiva)
- Carrousel Du Louvre - 2015 (coletiva)
- Fiat Lux - 2015 (coletiva)
- Orgulho - 2015 (individual)
- Zeitgeist - 2015 (individual)
- Construção Mixórdia - 2015 (individual)
- Muros Viscerais - 2014 (individual)
- Exposição Anual Plein Air Studio - 2014 (coletiva)
- 22º Salão de Artes Plásticas Medalha Bruno Giorgi - 2014 (coletiva)
- 27º Salão de Arte da Associação Comercial de São Paulo - 2014 (coletiva)
- "pequenas OBRAS GRANDES artistas" - 2014 (coletiva)
- WWII - As Cores da Guerra - 2014 (coletiva)
- Oak apaixonado por Narcisas - 2014 (individual)
- 2º Salão de Outono da América Latina - 2014 (coletiva)
- Boteco Cultura - 2013 (coletiva)
- Keep Walking Dead Brasil - 2013 (coletiva)
- Realismo Hoje - 2012 (coletiva)
- Olhares Diversos - 2012 (coletiva)
- Versões Pictóricas - 2012 (coletiva)





## BEIJO

ainda estou aprendendo  
 a te conhecer melhor.  
 sigo suas pistas  
 e reparo no seu cabelo  
 todas as vezes  
 em que nos encontramos.  
 às vezes, nem te beijo  
 e é quando mordo sua sombra.  
 têm dias que te beijo  
 e então tudo fica  
 mais ou menos confuso.  
 você é mulher musa  
 que surgiu numa dessas esquinas da vida  
 pra sacudir o meu destino.  
 te conheci e te gosto  
 mas gostaria de saber te usar melhor.  
 cadê o seu manual de instruções?



**Lorenzo Falcão**

"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

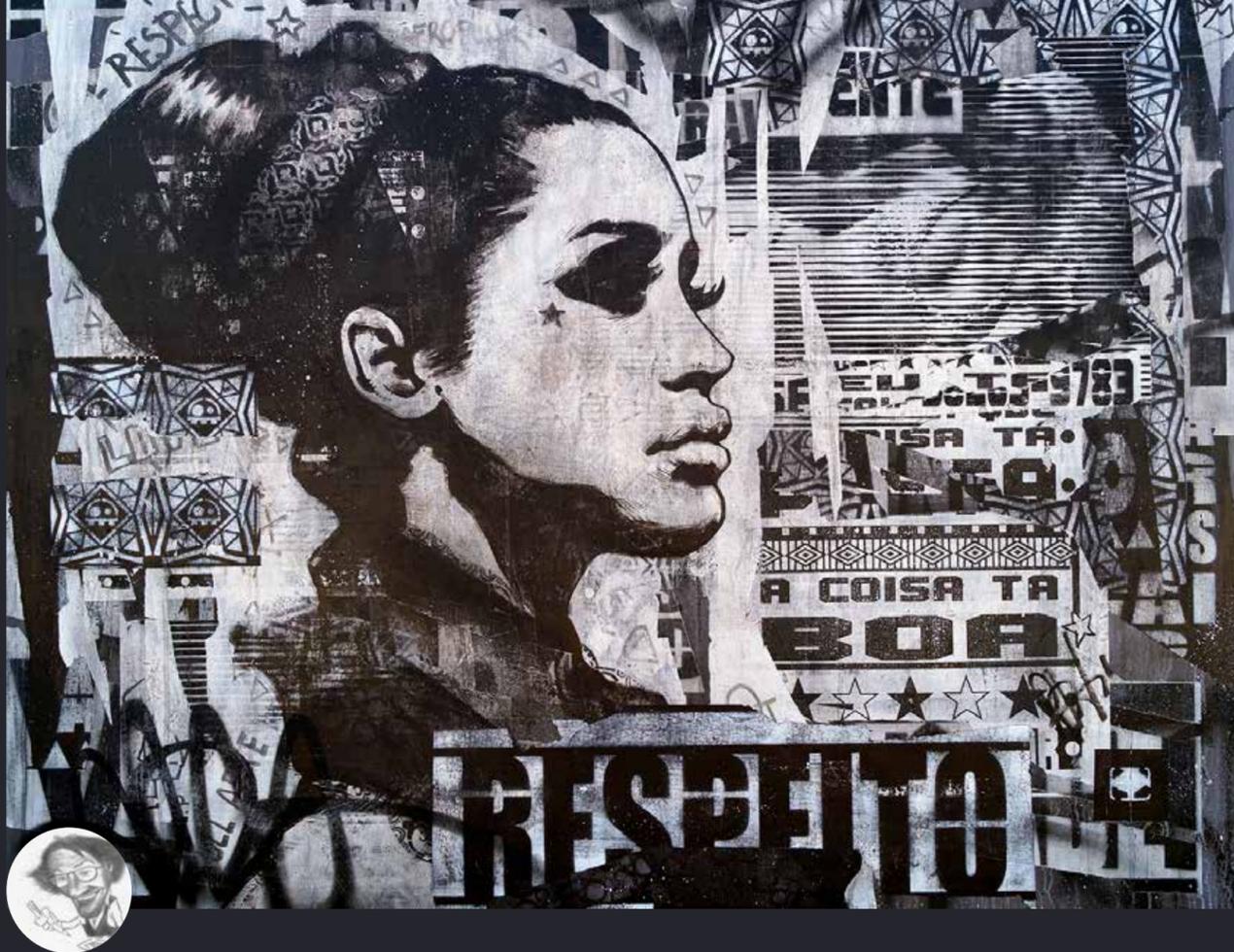
li nossas conversas antigas  
ontem  
saudades  
da nossa possibilidade  
catástrofe futura  
antes mesmo de nascer  
até parece  
que a gente  
se amou



**Lucas Lemos**

Lucas Lemos é nascido em Juína-MT, formado em Letras e Literaturas pela UFMT-Cuiabá, onde é ator e diretor pelo Cena Livre de Teatro. Trabalha como professor, fotógrafo e social mídia na capital mato-grossense. Lançou de forma independente, em 2019, seu primeiro livro de poesias, "Nossa Alegria Triste".





### Luiz Renato de Souza Pinto

Em 1998 lancei meu primeiro romance, "Matrinchã do Teles Pires", agora em segunda edição. Nele trato da colonização do norte de Mato Grosso por colonos do sul do país, ao longo da ditadura militar. Em 2014 publiquei um segundo volume sob o mesmo tema, intitulado "Flor do Ingá", desdobrando a aventura e apresentando o cotidiano de um casal que se conhece em Londrina, Paraná e vem para cá também. "Xibio", de 2018 completa a trilogia amazônica, destacando a vinda de nordestinos para garimpos de diamante em Mato Grosso e Goiás. Publiquei "Duplo Sentido" (crônicas), em 2016, em parceria com o poeta pernambucano Carlos Barros e no ano seguinte fui contemplado com o Prêmio Mato Grosso de Literatura na categoria poesia, com o livro "Gênero, Número, Graal".

## MARROM E PALMITO

A primeira vez em que estive em Porto Alegre foi no inverno de 1993. Eu havia saído de um relacionamento de cinco anos e estava viajando pelo Brasil vendendo poesias em bares e logradouros públicos. Acho desconfortável quando se está em um desses locais e alguém chega vendendo poemas, livros, coisas do tipo. Embora entenda que é a fatia do mercado que sobra para muita gente. Ocorre que, às vezes, casais, amigos e familiares buscam nesses ambientes momentos de descontração. E nem sempre são bem vindos elementos exógenos a esse enlace.

Por indicação de um primo fiquei hospedado na casa de um jornalista que morava com um jovem bajeense, que me receberam muito bem. Por intermédio deles conheci alguns bares em que se podia fazer esse comércio tranquilamente. Bar do Beto, quando ainda era na esquina da Venâncio Aires, antes de se transferir para o outro lado da rua, em espaço ampliado. Van Gogh, nas proximidades do Parque da Redenção, Cabaré Voltaire, e muitos outros. Hoje, tanto meu primo como o jornalista moram em Garopaba, Santa Catarina.

Ler "Marrom e Amarelo", de Paulo Scott, propiciou-me voltar ao Bom Fim, o que já havia me acontecido com a leitura de "Meia Noite e Vinte", de Daniel Galera, há uns dois anos. Os dois se detêm bastante nas miudezas da geografia da cidade. E passeio emocionalmente por alguns desses locais da Oswaldo Aranha, da Bento Gonçalves, da Protásio Alves, Praia de Belas. Túlio Quevedo foi outro porto-alegrense que me recebeu muito bem. Com ele descobri que o movimento negro no Rio Grande do Sul é bastante forte. E é isso que o livro de Scott reaviva em mim neste instante em que me deparo com "... a incomparável cordialidade brasileira" (SOCTT, 2019, p. 7).

O mito do bom selvagem atravessa as fronteiras da Paris oitocentista e segue para as páginas da cultura brasileira pelas mãos de José de Alencar. Aquele cearense que ousou escrever um romance intitulado "O Gaúcho", sem ter pisado o Rio Grande. Sem saber que o "Zaffari da Ipiranga, hipermercado que naquela época era o melhor mercado da cidade e um lugar onde minha mãe evitava comprar porque era estabelecimento onde não se via um funcionário negro no caixa, na padaria, no açougue, na função de empacotador, de recolhedor dos carrinhos de compras no estacionamento, de segurança" (idem, p. 29).

Virei professor, depois de viajar por um bom tempo pelo país, voltar para o Mato Grosso, medida acertada depois de ver as dificuldades que teria em fixar residência em Porto Alegre. Mas voltei lá outras vezes e morei por seis meses no ano de 1996. Entre tantas figuras interessantes que por lá conheci, destaco o escritor (e cineasta) Tabajara Ruas, de quem li todos os livros publicados e que me mostraram o vigor de uma tradição literária de excelentes contadores de história. No rastro de Érico Veríssimo, Ruas dá contornos atualizados para o romance histórico. E tem seus passos seguidos bem de perto por Letícia Wierchowski, com quem viajei pelo Arte da Palavra do SESC, em 2017, para a Bahia.

Ao ler "Os Varões Assinalados", de Tabajara, compreendi mais profundamente as contradições da Revolução Farroupilha. Sobretudo no que diz respeito ao papel dos trinta mil lanceiros mortos ao longo dos dez anos. Encontro agora, em Paulo Scott, um olhar sereno sobre essa realidade. "Tem uma quantidade muito grande de brasileiros que não entende as cotas e, cinicamente ou não, não concorda com as cotas, Se colocarmos uma lente sobre o Judiciário, vamos ver que o Judiciário não entende as cotas, que parte dele nem quer entender" (idem, p. 40). Concordo com sua narrativa, Scott: "O Judiciário é branco, A base, Como se diz, A base epistêmica do direito, É europeizada, É branca, disse Mauro" (idem, ibidem).

Fui a uma das festas, levado pelo Tom, o amigo bageense, em que experimentei a batida de um DJ que, em 1996 já arrepiava de há algum tempo as noitadas da capital gaúcha. Eis que ele atravessa a narrativa de Paulo, "DJ Kafu, um cara da turma do meu irmão que trabalha como operador de áudio na Rádio Ipanema e vem fazendo o seu nome na cidade como disc jockey de festas de clubes grã-finos, tocando rock, som surfe e um pouco de som black" (idem, p. 46).

Paulo Scott fala do momento da implantação das cotas na educação brasileira. As discussões se dão em torno de uma Comissão que discute a constitucionalidade, as ponderações. E a narrativa repercute uma discussão em torno de uma publicação da Folha de São Paulo na qual Jorge Mautner ironiza "se o futuro presidente Tancredo Neves me convidar para um ministério, eu vou falar, Acho que se deve falar de tudo" (idem, p. 69). E a gente nem imagina que o pum de um palhaço fosse importante para a cultura brasileira.

Paulo, mais uma vez concordo contigo, aliás, com a sua narrativa: "Nenhuma boa história é leve, Federico, Nenhuma boa história deixa de fora o que é denso, o que é pesado, observa" (idem, p. 111). Não é preciso que reinventemos a roda, pois é sabido por todos que "os ricos estão ficando cada vez mais medrosos e covardes e, por isso, cada vez piores, Que a turma dos que acham os negros uma gente asquerosa só está aumentando" (idem, p. 141). Já dizia Riobaldo nas páginas amareladas do Grande Sertão: Veredas que "viver é muito perigoso".

Como educador, mais do que leitor e escritor, atribuições a que me dedico diariamente, tiro das páginas deste livro tão necessário para os dias de hoje uma lição que pode ser útil para uma educação de resistência em tempos nublados como os que vivemos. Devíamos "inserir nos calendários escolares reflexões mensais ou bimensais sobre a escravidão e o holocausto indígena" (idem, p. 147). Muitos vivas para a literatura, para as artes, para a cultura e a educação para se formar pessoas de bem.

### REFERÊNCIAS

SCOTT, Paulo. **Marrom e Amarelo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

## ELLEN'S ADVENTURE

**I**n my job, some days are good, some days are bad. That day was a horrible day in my life until the moment when I left the meeting room. I had decided go to the bathroom. I needed it as far as I needed a break. The meeting was boring. It sounded like a procession, slow, without happiness and colored by suffering.

The lawyer was talking and talking. However, I knew he didn't believe his long speech would make any sense to those men. He was acting his role, but he didn't have any feeling in his eyes. His lifeless eyes made me angry. Because of it, I said to myself repeatedly: "You are going to last one more hour. The end of the day is close, so close".

I had worked the most of the day on the rules for the asylum checkers competition, and then I had to listen to this lawyer talk nonsense. It was a kind of thing that only happens in the boondocks as mine, a place that was forgotten by all the Olympus gods. Impatiently, I had scrawled on the last page of my agenda and the conversation in the room didn't show any sign of improving. I had drawn a beach on a sunny day where the birds were flying and singing. I looked at my own picture and I asked for some movement, for some adventure, for anything better. I wanted an exciting day and my wishes came true as if I snapped my fingers.

In the hall, when I was walking to the bathroom, I realized that all the coworkers had already gone home. It was Friday afternoon and people were concerned about the city's anniversary celebration the next day. Unlike all my neighbors and friends, I didn't like these kind of parties. Therefore, I had no plans for my Saturday.

I entered the bathroom stall and I just closed the door when I noticed it locked. I tried to open it and, immediately, I thought about my cell phone. It was in my desk drawer. "Don't worry! Someone is going to appear", I said to myself confidently. The time was different: a minute was like an hour. My confidence disappeared in a few seconds and I had a panic attack. I shouted, knocked on the door, but nobody listened to me. Tired, I sat down on the toilet and took a deep breath.

I started thinking about my options. First: another woman would come to the bathroom and she would save me. We would go to a cafeteria to celebrate, we would laugh together and we would tell people the story. Second: Nobody would listen to me and I would stay there until Monday. I would not die, but being stuck was not my favorite holiday program... and if I died in that locked bathroom? I started considering and I remembered Agatha Christie's novels. I asked myself if there would be an intelligent detective who could solve the mystery of my death. Then, I don't know why, I thought about Tom Cruise, I would die without giving him a kiss. Mission Impossible, my mind exploded and brought me the name of my favorite movie. How would Ethan Hunt escape from a locked bathroom in a small town? Answer number one: using technology devices. I had none. (Why didn't I think about MacGyver?) Answer number two: using special training. Failed again! Answer number three: passing under the door... wait!

There was a space between the door and the floor. I was so nervous that I hadn't realized it yet. The space was not too large, but I'm a petite person. It was enough. I laid down on the dirty floor and I crawled slowly to freedom, like a secret agent.

I felt some mixed feelings, the biggest of them was gratitude. I was alive and free. When I came back to the meeting room, only the lawyer was there.

"Where were you?" he asked me.

*"I was saving a life."*



**Marcos Morasck**

É professor e escritor, tendo publicado obras voltadas para o público juvenil desde 2007, dentre elas "O diário das eras" e "Pedras da meia-noite".





**Marcos Almeida Pfeifer**

É jornalista, 39 anos, que quando canta, toca violão e está entre amigos gosta de ser chamado de Caco. Meu coração pulsa com a música e a poesia brasileira de Tom Jobim, Milton Nascimento, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Roque Ferreira, Clementina de Jesus. Tenho 17 anos de rádio em emissoras de Porto Alegre, como a Rádio da Universidade onde atuei como produtor, apresentador e repórter até 2015. Há 5 anos conto histórias e apresento música gaúcha, popular brasileira e sul-americana no programa Falando da Terra na radiosul.net - Sou graduado em jornalismo pela UFRGS (2009) e trabalho também como revisor. Já fui professor voluntário de Geografia em Pré-Vestibular Popular de Porto Alegre. Acredito na arte e na música como transformadoras do ser humano.

## AMOR E CANÇÃO

Sentimento universal  
Possibilidade evolutiva  
Comportamento natural  
Do que se conhece por vida  
Amor, tão simples  
Vontade de escrever,  
Mas quando o sentimos  
Dá mais vontade de ouvir  
A fala da amiga, do irmão  
De apreciar a tarde de sol  
Escutar uma canção  
Andar solto, pelo mundo  
Atento à comunicação  
O espaço mudou,  
Mesmo em casa,  
Mais amplo pode ser  
Se te permitires  
Amar  
Visitará tribos e continentes,  
Escritórios, bares e até shows  
Sem medo conhecerá o oposto  
Do que está morto sem amor,  
Potencial semente no solo,  
Quando o ódio conhecerá o dia,  
Sua outra face, o amor

E o sol dançará com a chuva  
Nalgum pedaço de terra  
O verbo cantará Vinícius  
De Todos os Santos de Moraes  
E na caatinga, no pampa e nos gerais  
Os sons virão da mata, Jobim  
Iansã interpretará o canto  
O amor nascerá assim

“Desde que o samba é samba”  
Caymmi, o amor nos mostrou  
De Oxum, a Bahia inteira,  
Com lua, mar e palmeira,  
Que melhor cena de amor?

Sentindo a natureza, a terra,  
A inspiração brota assim  
O amor sempre estará  
Na vida é tudo o que há  
É a canção fazendo em mim

Amor é a poesia pura  
A guia desse caminhar  
Que cura toda ferida  
É cada pessoa querida  
Que a vida me fez amar



Os descalços  
não estão à procura  
de sapatos.

Eles nunca  
tiveram sapatos.  
Isso não lhes faz falta.

Eles têm o caminho  
todos os dias.  
E eles seguem  
esse caminho.

Se há uma fonte  
à sua frente,  
eles param  
para saciar sua sede.  
E seguem o caminho  
que têm que seguir.

Se há duas setas  
apontando  
dois caminhos,  
eles param  
e meditam.  
Mas não meditam  
por muito tempo.

Mais do que meditar setas,  
eles têm um caminho  
a seguir.  
E seguem.



**Mardson Soares**

Nasceu em Bom Jesus, no Piauí, em 13 de setembro de 1992. Diplomado em Direito pela Universidade Católica de Brasília. Poeta e Cronista. Pertence à Associação Nacional de Escritores, sediada em Brasília-DF. Há poemas seus em jornais, revistas e sítios literários do Brasil, de Portugal e de Moçambique

## AMOR URGENTE

hoje é urgente  
esconder as folhas secas caindo  
das árvores do cerrado  
cada ruga  
que enrosca nossa face  
e forma nosso corpo.

hoje é indispensável  
entesourar as vozes  
guardar o otimismo  
e pote com água  
armazenar o filtro d'água fria  
que saúda a manhã.

hoje é imprescindível  
escutar a melodia  
e retirá-la generosa  
das campinas etéreas  
que compõem  
os encontros amorosos.  
só o amor saboreia!



**Marília Beatriz de Figueiredo Leite**

É professora fundadora da UFMT, adjunta nível IV; mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. Ocupa a cadeira nº 2 da Academia Mato-grossense de Letras. Publicou O mágico e o olho que vê (Edufmat, 1982) e De(Sign)Ação: arquigrafia do prazer (Annablume, 1993) e Viver de Véspera (Carlini e Caniato, 2018).





## O QUE CONTA

Um e dois  
talvez noite e estrela  
ou água e vinho.

Um e dois  
quando é beijo,  
junção e desalinho.

Um e dois,  
quixotesicamente falando,  
ou o vento ou o moinho.

Um e dois,  
talvez só um  
ou matematicamente dois  
ou ainda,  
quando um está para o outro  
é possível que algum  
seja nenhum.

## SOBRIEDADE

Bebo  
um gole atrás do outro  
do rio que passa manso e convicto  
no teu olhar.  
Conheço um pouco de peixes  
um pouco de algas  
um pouco de seixos.  
Bebo mais  
e o mundo cresce  
nas tuas retinas.  
Antes de me embriagar  
completamente  
tateio o amor capturado  
nas margens  
do que me exaure e me fascina.



### Marta Cocco

Marta nasceu em 18/09/66 em Pinhal Grande-RS, veio para Mato Grosso em 1992 e atualmente reside em Tangará da Serra. É professora de Literaturas da Língua Portuguesa da UNEMAT, Doutora em Letras e Linguística, membro da AML e autora de 11 livros.



**Pablo Rezende**

É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro *O dever e o haver*, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

São tantas noites em claro  
Em que escrevo o teu nome  
(sonoro como doze girassóis em um vaso)  
Mas logo a nódoa escura em meu peito  
apaga

Mudo meus olhos de lugar  
Abro a geladeira e não encontro os versos que procuro  
Espaço os móveis pela casa  
Reviro os livros da estante  
Inclino-me sobre o corpo que cai  
Não encontro nada

Não tenho sede, não tenho fome  
O imã da geladeira aponta para uma terra distante,  
O calendário sobre a mesa aponta para um tempo distante

Encontro apenas o bolo de laranja partido  
Encontro apenas o leite desnatado vencido

São 11 horas da noite  
Um copo de leite, três fatias de bolo  
Coração partido  
Coração vencido.

Ansiedade  
Daqui a sete horas  
Não terei sono  
Meu coração continuará  
E eu continuarei a escrever teu nome  
Tão similar, tão sibilar  
Da sede a fome que não tenho  
Dos móveis espaços aos livros revirados  
Dos olhos abertos à boca negra que desenho  
Escrevo-te  
(Tão logo apago).



**Raquel Naveira**

É escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infanto-juvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente) e ao PEN Clube do Brasil.

## OS SOBREVIVENTES

**H**á muita diferença entre viver e sobreviver. Viver manifesta a grandeza, a totalidade de nosso ser. Sorvemos bons e maus momentos com força e fé. Encaramos o trabalho como oportunidade de autorrealização, algo semelhante à arte, que nos traz respeito e autoestima. Sobreviver é apenas manter-se vivo biologicamente, mantido na matéria, alimentando-nos e sustentando-nos sob o peso de um jugo, um castigo, que em nada satisfaz a nossa alma. Somos *sobreviventes* quando continuamos vivos, depois de uma situação desastrosa.

Quando um vírus diabólico, coroado de pequenos fungos, atravessa nossos pulmões e nos sufoca, transformamo-nos todos em sobreviventes. Errantes sobre a Terra, em meio a um tiroteio cego.

Quem como o poeta paulista Cassiano Ricardo (1895-1974), um dos líderes do movimento da reforma literária iniciada na Semana de Arte Moderna em São Paulo, penetrou mais fundo na trágica ideologia da sobrevivência? Quem conheceu melhor do que ele esses “seres mascarados de vivos, subvivos, portadores de lesão ou ferida transcendental, que trazem a presença compulsiva do tempo?” Quem melhor traduziu o drama dos habitantes sofridos de passagem pelo planeta, os subprodutos da ameaça de um mundo pós explosão da bomba atômica? Tudo isso, segundo Eduardo Portella, está presente no livro-poema *Os Sobreviventes*, publicado em 1971. Cassiano nos mostra que em todos os cantos instalou-se o sentimento do medo, a consciência de uma ameaça mortal. Nesse processo, nesse sistema, aglomeramo-nos numa multidão ao mesmo tempo solitária e fraterna. É preciso se dar as mãos para furar o nevoeiro da sobrevivência. Uma solidariedade definitiva, exercida na prática da esperança, do renascimento, de um despertar espiritual. Como são atuais estes versos: “Hoje, afinal, somos todos irmãos, por sermos todos sobreviventes, globalmente, isto é, no globo.” Há “escaras sob as máscaras, capricho que ao fim se joga no lixo.” Porque “a máscara da fome é cubista, totêmica, polêmica, imagem daquele que cobre dois terços do rosto do globo.”

Que profética essa obra! Imagens impressionantes! Como soube converter a crise em palavra poética. Cassiano relembra o lançamento das bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki (6 e 9 de agosto de 1945), forma extrema utilizada pelos Estados Unidos para forçar a rendição japonesa no contexto do final da Segunda Guerra Mundial. Primeira vez que armas nucleares foram usadas em guerra: “Fabricam-se mais bombas do que se criam pombas nos pombais”, declarou o poeta perplexo.

Imagine-se a nuvem de fumaça que despencou sobre Hiroshima. O clarão de luz alaranjada, parecendo um estranho cogumelo com talo e chapéu, soltando destroços, fagulhas sinistras. Casas ardiam, peles se soltavam dos corpos produzindo fileiras de esqueletos brancos. A violenta radiação queimou o solo numa grande e profunda cicatriz. Depois, a cinza baixou sobre os navios do porto, espirrando urânio.

O mundo passou a pertencer aos sobreviventes de uma época que terminara; de um abrigo antiaéreo que nos permitiu acordar de manhã; de uma máquina fatal da qual bastava apertar um botão para fazer tudo voar pelos ares; de fatos que envergonham quando nos olhamos no espelho; de um disco voador maligno que passou sobre nossas cabeças destilando veneno químico. Os sobreviventes habitavam agora um espaço imaginário, um palco de terror. Tornaram-se sobrenaturais.

Mais tarde, o poeta Vinícius de Moraes (1913-1980), num protesto contra o uso da bomba, utilizou a metáfora da rosa para descrever a destruição causada pelo homem, deixando um rastro de desespero por gerações: “A rosa hereditária, radioativa, estúpida e inválida, a rosa com cirrose, a antirrosa atômica, sem cor, sem perfume, sem rosa, sem nada.”

A sobrevivência é uma função da vida. Neste contexto em que um vírus prepotente nos persegue sem trégua, fazendo morada dentro de nós e do outro, caminhamos para um impasse. É nesse ponto que se abrem brechas, veredas para novos vales. Ansiemos, como escreveu Cassiano Ricardo, pelo dia em que novamente “pudermos nos abraçar com asas de garça.”





**Rosa Luizari**

Rosa Acassia Luizari nasceu em São Paulo. Recebeu menção honrosa pelo trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia intitulado "A contribuição do Pensamento de Edgar Morin para a Educação Ambiental". Ministrou a oficina "Poema na escola" na Asser de Rio Claro-SP em 2019. Recebeu menção honrosa pelo trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia intitulado "A contribuição do Pensamento de Edgar Morin para a Educação Ambiental". É colaboradora das revistas Caderno Literário Pragmatha, Aversa, Literalivre, Evidenciarte, Revista de Poesia da Editora Trevo e Brasil Nikkei Bungaku. Faz parte do movimento Mulherio das Letras de Portugal e participa da Coletânea Mulherio das Letras Portugal Poesia, Prosa e Conto 2020.

## ENGANO

Teu beijo inebriou-me o corpo.  
Tua ausência, inesperada, deixou o paladar sedento.  
Matei a sede em outros corpos.  
Voltei com a alma dilacerada.

## DINAMISMO DA LÍNGUA

O ósculo, de tão moderno, tornou-se beijo;  
O beijo, de tão pós-moderno, distanciou-se.

## VERSOS LIVRES

Meus versos são mui livres  
Pois que nada me perguntam  
Pululam em breves voos frequentes  
Figuram em frágeis almas intermitentes.

São desafios provocantes  
Em atrevidas páginas abertas  
Consagram as mãos em sábias linhas,  
Mãos tão tênues e curiosas como as minhas.

Se vestem de rimas vãs  
Em finos corpos documentais;  
Não pensam em minha criteriosa escolha,  
Versejam arbitrárias no verso daquela folha.

Se vestem de multicolor  
Em imantada luz do belo dia;  
Fazem o que querem, pois mui caprichosos;  
Escondem-se por serem deveras desdenhosos.

## OUTRO SONETO DE FIDELIDADE

Preenches com tua ausência o meu dia  
e com tristes vazios meu coração;  
é tanto nada, nunca tanto não,  
que minha vida nunca vai vazia.

Estás aqui e além, qual utopia,  
que toma a vida e nunca a toma a mão.  
Se vem de ti é boa a solidão,  
se estou triste por ti sinto alegria.

Por isso quando vejo a dor no fim  
empenho-me em tornar a dor mais forte  
- por mais pareça esta ser ruim,

não posso desejar-me outra sorte:  
sofrer-te te faz tão perto de mim  
que a vir a te esquecer prefiro a morte.

## A NOVA CIÊNCIA

Eu, que, descrente de tudo que leio,  
acabo descrendo da própria vida,  
descubro que existe vida não lida  
quando minha mão descobre teu seio.

Eu, que sempre me mantenho no meio  
pensando que vive mais quem duvida,  
sem crer no amor, para não crer na ferida,  
quando te vejo despida, eu creio.

Percebo que apenas sei se te sinto,  
ciência de homens e de poetas.  
Eu, um filósofo entre tuas pernas,

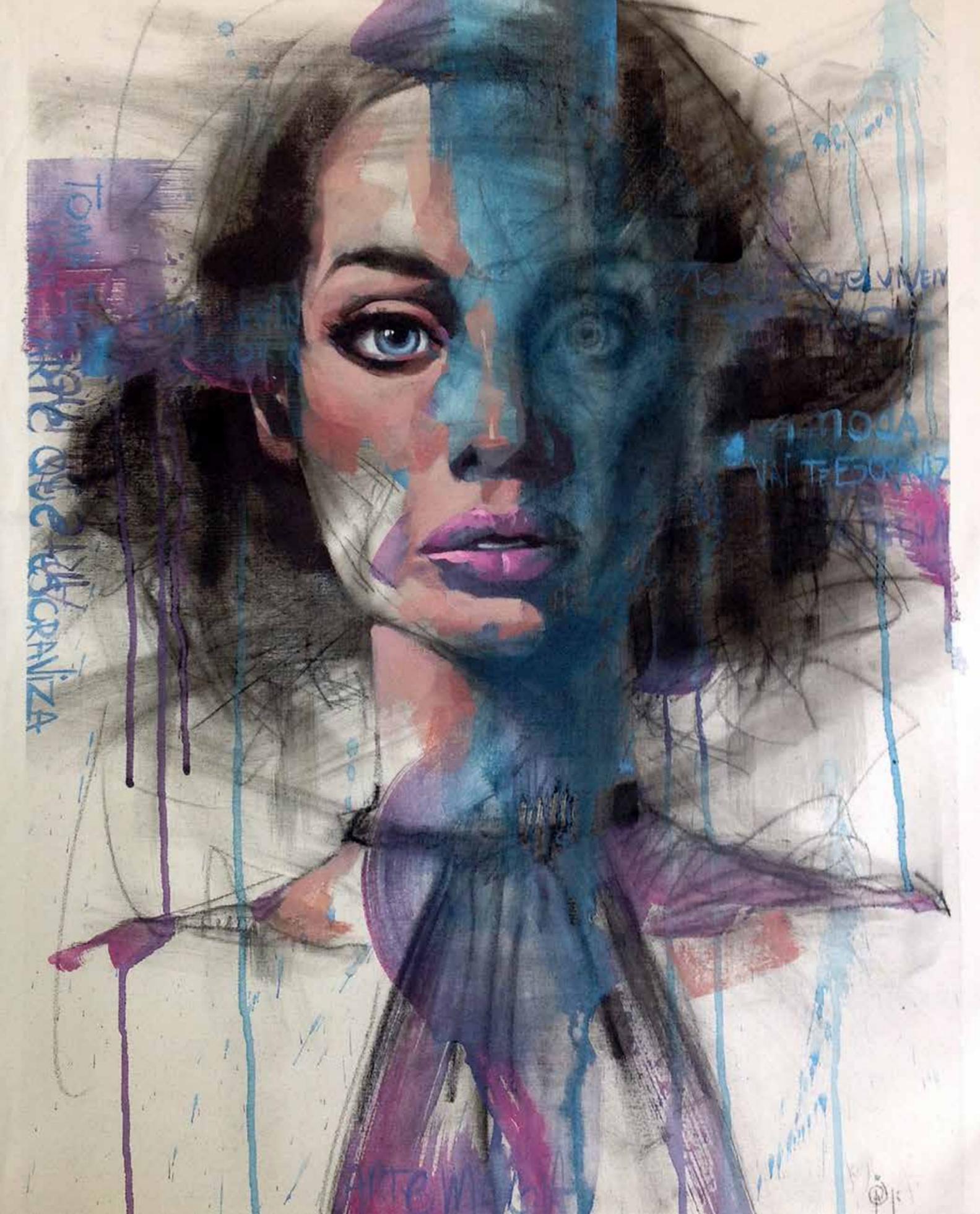
crio universos e, qual deus faminto,  
escondo minhas mentiras secretas  
nas doces verdades de tuas cavernas.



### Santiago Villela Marques

É o pseudônimo de Paulo Sérgio Marques, natural de São Paulo-SP e residente em Mato Grosso até sua morte, em 2018. Publicou os livros de poesia Primeiro (2004), Outro (2008), Três tigres trêfegos, em coautoria com Juliana Roriz Aarestrup e Henrique Roriz Alves (2010), e Selvagem (2013); e os livros de contos Ângulo bi, em coautoria com Marcelina Oliveira, Paulo Sesar Pimentel e Gisele Mocci (2002), Correspondências (2012) e Sósias (2015). Algumas de suas obras obtiveram premiações nacionais como, dentre outros, o Prêmio Sesc Monteiro Lobato de Conto Infantil (1º lugar, em 2009 e em 2010), o Prêmio Sesc Machado de Assis de Contos (2º e 3º lugares, em 2009 e 2011, respectivamente), o Concurso de Contos de Ituiutaba Águas do Tijuco (1º lugar, em 2012) e o Prêmio Cataratas de Contos e Poesias (3º lugar, em 2015).





**Stéfanie Sande**

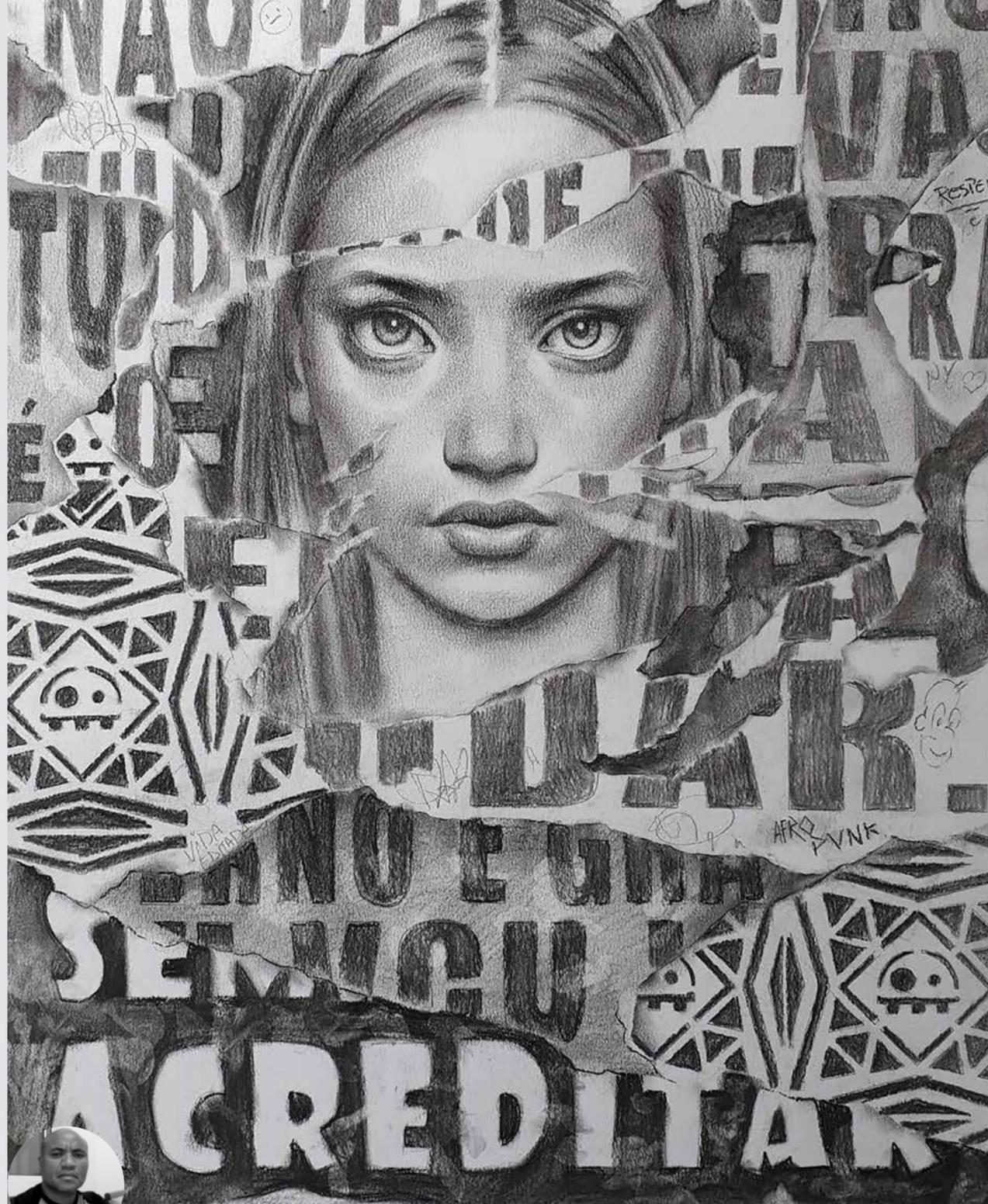
É escritora e doutoranda em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

## HOJE É DOMINGO

Será que você sabe  
que hoje é domingo  
quase segunda-feira  
que faz calor  
embora não muito  
sequer venta lá fora  
o ventilador range  
o vizinho fecha a janela  
ouço músicas bad vibes  
e o livro aberto espera  
enquanto escrevo isso  
e nestes rabiscos  
lembro de você?

como se eu pudesse  
esquecer





**Waldney Jorge de Lisboa**

É professor de Língua Portuguesa da rede pública estadual e Mestre em Educação pela UFMT. Criado no bairro Cristo Rei, antigo Roção, antigo Capão de Negro. Morador de Várzea Grande e observador do mundo. Interessado em misticismo, Ufologia e pescaria. Acha melhor quando essas três coisas aparecem juntas. O desejo de dizer coisas se fortaleceu ao entender melhor as possibilidades da palavra e as nuances do ser humano. O que não é dito é tão importante quanto o como foi dito. Constrói narrativas de fora para dentro. Sabe que o mundo acontece depois dos seus olhos.

## BATU

**B**atu era louco. Na verdade, Batu ficara louco. Logicamente que Batu não era o nome verdadeiro. Mas, depois que ficara louco ninguém mais sabia o nome verdadeiro. Era Batu, o Louco.

Nasceu e cresceu como todos da região onde vivia. Era uma mistura de índio com negro. A pele escura e o cabelo liso, curto. Era muito trabalhador, casou-se com uma mulher que espantava a todos. Mas, desse jeito, ele era feliz. Gostava de jogar futebol no bairro. Era falador e tirador de sarro. Também gostava de cachaça, e esse era seu mal. As pessoas o desconheciam quando ele ficava bêbado. Parecia que era outra pessoa. Xingava todo mundo, corria no meio da rua, fingia que não conhecia os amigos. Quando se recuperava da pinga, contava as peripécias que havia feito e caía na risada. Todos ficavam na dúvida se realmente a cachaça mudava sua personalidade ou se era pura brincadeira de Batu. Nunca se soube a verdade.

Era pedreiro dos bons. Não perdia serviço. Só não fazia se estivesse muito atarefado. Do contrário, era só chamar. Tinha 33 anos quando começou a ficar estranho.

Batu começou jogando pedra na rua, nas pessoas. E dizia que só fazia aquilo porque não tinha pecado e por isso ele era o primeiro a jogar a pedra. Ninguém sabia se Batu tinha frequentado igreja para ele aparecer com aquelas conversas. Contudo, acharam que era mais uma palhaçada de Batu. Teve a vez que ele subiu no telhado da própria casa e disse que iria voar. “Só os vivos não voam. As almas têm asas”, gritava indignado. Eram mais de cinco metros de altura. A família ficou desesperada. Era um desce, desce, desce daí em todos os tons e timbres e nada de ele descer. Sentou-se na cumeeira e ficou conversando com um ser que ninguém via. Eu quero ir com você, dizia Batu, olhando para o vazio. Eu vou, eu vou, cansei dessas pessoas, dessa mulher feia, dessa filharada. Eu vou. Eu vou, rá, rá, rá... Depois ficava quieto como que ouvindo uma reprimenda. Chorava um pouco e descia. E parecia que estava tudo normal.

Os dias passavam e a loucura aumentava. Começou a aparecer nas casas dos parentes de surpresa. Quando as pessoas assustavam ele já estava em pé do lado de fora da janela com um sorriso meio disfarçado de sadismo. Conversavam ali mesmo. O dono da casa não o convidava para entrar e ele não reclamava. Sem mais nem menos desaparecia. Um sobrinho contou que Batu chegou na casa dele com uma placa de carro e disse “essa é a placa do seu carro. Espera que ele vai chegar.” O sobrinho nunca soubera de onde era a placa, mas guardou para caso a profecia se realizasse.

Batu começou a andar mais sujo. Calça suja, pé sujo, cara suja. Decidiu que só andaria de ônibus e dizia que o companheiro imaginário dele o aconselhava a não pagar a passagem porque já havia pagado por muito tempo e já era hora de andar de graça. Quando os motoristas de ônibus o viam de longe no ponto nem paravam mais. Só que, às vezes, ele se escondia no meio do povo e, quando se davam conta, ele já estava dentro. E nunca ninguém ousou fazê-lo descer. E ele conversava, ria, e dizia que só descia no Cristo Rei. Nunca errou o ponto de parada. E sempre pedia para esperar o amigo dele descer. Conversava sozinho o dia inteiro e ninguém tinha mais dúvida: Batu enlouquecera totalmente.

Um dia Batu chegou em casa muito agressivo e colocou todo mundo para fora porque achava que a casa estava cheia demais. A mulher o abandonou porque se cansou de correr dele, os filhos se perderam e as filhas arrumaram marido.

No outro dia ele sentou no meio da rua e assim permaneceu. Não quis falar com pessoa alguma e assim ficou o dia inteiro. Não comeu, não xingou, não gritou. Nada. Ficou lá parado. Estático. Era a solidão no meio dos carros. Escureceu. Ninguém interferiu. Alguns passantes registraram em seus celulares a cena.

Por volta da meia-noite ele se levantou. Caminhou ereto, impávido. Quem viu disse que nem os olhos piscavam. Subiu a calçada e foi em direção a própria casa. Pegou as roupas, umas fotos, pôs tudo num saco branco, procurou álcool; não achou. Encontrou só uma caixa de fósforos. Juntou uns papéis e acendeu uma fogueira. Começou a colocar as roupas uma a uma. O fogo aumentou. Jogou o sapato, pegou um álbum de fotos. E foi colocando as fotos, uma a uma, eliminando pouco a pouco seu passado. Queimou a foto da primeira comunhão, dos jogos de futebol, dos amigos, do casamento. Tranqueira, ia dizendo. Pegou uma foto desfocada e embaçada. Era ele, mas nem aparecia direito. Jogou de lado. “Ninguém vai saber quem é mesmo”, pensou. Retratos nebulosos não têm história. Voltou até a casa e pegou o colchão da cama e jogou no meio das chamas. As chamas subiram. E por fim entrou no meio do fogo. Não havia choro nem grito. Só ele ouvia: vem, vem, vem. Bem no meio da cabeça. E Batu deitou no colchão em chamas. E rolou. O cabelo pegou fogo. Os olhos vibravam em chamas alaranjadas. Queimavam. O cheiro de carne queimada subiu. Esse cheiro de carne queimada era a parte mais dramática nessa cena. O corpo não resiste à memória. Batu, enfim, havia se curado da loucura.



## AMOR DE ÍNDIO

**R**elações sexuais entre humanos e inumanos ou com espécies da fauna e da flora são comuns nas crenças e nas narrativas mitológicas de diversos povos indígenas. Na sociedade Nambiquara, humanos, especialmente os do sexo masculino, podem manter relações sexuais com plantas, animais e seres sobrenaturais. Um pajé Nambiquara tem duas mulheres: uma mulher humana e outra inumana. Na puberdade, desposa de uma jovem, união arranjada entre seus pais e os da nubente; mais tarde, quando estiver de posse de seus poderes xamanísticos, uma mulher-espírito o procurará para casamento. Das relações sexuais, nascerão crianças-onças e uma grande variedade e quantidade de frutas que abastecerá a aldeia naquele ano.

Ao se unir a uma mulher-espírito, o pajé acumula mais poder. A mulher-espírito tem liberdade de procurar pajés para se casar. Como são espíritos da natureza, não possuem laços de parentescos com nenhum Nambiquara e, por isso, estão desapegadas às regras que direcionam a teia matrimonial. Acham-se livres para escolher aquele que mais lhe agrada e permanecer em sua companhia enquanto estiver enamorada. Mas, se o esposo-pajé e os moradores da sua casa lhes causarem alguma dor, a mulher-espírito poderá ir embora, quando procurará outro o pajé.

Nos rituais de cura, mulheres-espíritos auxiliam o pajé no diagnóstico da doença e indicação medicamentosa à base de plantas medicinais ou mesmo, em menor escala, de animais (caldo de caninana e de perdiz). Assim como a esposa-humana do pajé permanece ao seu lado nas sessões de cura para abastecer de chicha o caldeirão e para acompanhá-lo na cantoria, sua esposa-espírito, também representada por uma onça, coopera no processo de cura e ensina-lhe novas cantigas. Dona de ornamentos mágicos, moradora das cavernas, sua imagem assemelha-se à da mulher humana, mas de beleza superior. Ela conta com a colaboração de outras mulheres-espíritos, suas irmãs, para abastecer a mata e o cerrado de frutos e tubérculos, resultado das relações sexuais com o pajé.

O pajé deve cultivar com astúcia um ambiente familiar harmonioso para sua esposa-espírito, a fim de que ela permaneça ao seu lado, junto a sua família. Todos usufruem da união do pajé com uma mulher-humana e com uma mulher-espírito, pois podem contar com sua proteção contra espíritos sobrenaturais que sempre estão à espreita, à espera do momento oportuno para lhes fazer mal. Mulher-humana e mulher-espírito são parceiras.

Sem os poderes de uma mulher-espírito, que pode se metamorfosear em onça, o pajé jamais terá a credibilidade dos demais moradores de sua aldeia. Ele precisa ter muita habilidade com sua esposa humana e com sua esposa-espírito para que possa usufruir de suas companhias por tempo duradouro, a engrandecer seus poderes, sua notoriedade como pajé.

## HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER



**Anna Maria Ribeiro Costa**

É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.



**PIHÉ**  
REVISTA LITERÁRIA

**ALMA  
URBANA**